

Entre Aspas

“ASPA – Associação para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural e Natural”
Apartado 78 4711 – 909 BRAGA (Portugal)
www.aspa.pt | Blogue: aspa35anos.blogspot.com
Facebook: ASPA PATRIMONIO | mail: aspa.patrimonio@gmail.com



“Reabilita Braga” As boas práticas como exemplo

Remiar uma obra é sempre um acontecimento digno de destaque. Tal é mais notório ainda quando acontece numa cidade que durante décadas ignorou a valorização do património edificado como fator de desenvolvimento.

Seja em que escala estivermos a pensar – na cidade, numa simples habitação ou no espaço público –, intervir em estruturas existentes é sempre um desafio. Servir os objetivos da encomenda, traduzindo uma visão da atualidade e respeitando toda a história acumulada num qualquer objeto a submeter a intervenção, é tanto mais difícil e complexo quanto mais aprofundado for o conhecimento desse mesmo objeto.

De uma abordagem aligeirada do objeto e dos objetivos a alcançar jamais resultará um trabalho competente e válido.

O valor das cidades mede-se, em grande parte, pela forma como a própria sociedade faz traduzir os seus interesses e os valores que elige; como respeita e interpreta o seu passado e os testemunhos de todo o processo histórico; como se propõe contribuir para um melhor futuro; com o nível de exigência que coloca nas suas realizações e o modo como as vivencia e delas desfruta.

Cultura e desenvolvimento são, simultaneamente, a base e o propósito da arquitetura. Sempre que se associam, haverá incremento na qualificação das cidades, com real impacto na qualidade de vida da própria comunidade. Ora, o reconhecimento dos contributos para a valorização das cidades também é um sinal de desenvolvimento e a atribuição de prémios é uma forma digna de assumir esse reconhecimento por parte da comunidade.

É neste contexto que a ASPA vê a criação do Prémio Municipal de Reabilitação Urbana – “REABILITA BRAGA” –, pela Câmara Municipal. É este um sinal de que, doravante, Braga pretende promover e estimular a reabilitação urbana, divulgar as boas práticas de intervenção e valorizar a qualificação urbana como fator de desenvolvimento.

Do conjunto de propostas concorrentes aos prémios de “Nova Edificação” e “Obra de Restauro e de Reabilitação”, destacam-se os respetivos vencedores: Casa das Gelasias e Parque da Boavista.

A Casa das Gelasias, com frente para a Rua Gabriel Pereira de Castro e para a igreja de S. Vicente, é uma nova edificação erigida no lugar onde antes existiu uma habitação se-



Casa das Gelasias



Parque da Boavista

cular, da qual apenas sobrou a parede da fachada voltada à rua.

Inserido numa zona da cidade fortemente pressionada por interesses imobiliários pouco escrupulosos, em que se tem vindo a assistir à destruição de edifícios caraterísticos das diversas épocas de que a cidade tem resultado, com interiores notáveis e irreproduzíveis, para sempre apagados da memória e da vida bracarense como se nunca esta cidade os tivesse merecido, ao contrário de tudo o que temos visto, o projeto da Arquiteta Marta Campos propõe a reinterpretação da habitação que antes morou naquele mesmo sítio e de soluções construtivas tradicionais (construção em madeira e utilização das ancestrais gnelasias). Uma atitude contrastante com a (infelizmente) dominante, recheada de coragem, sensibilidade e interesse pela valorização do contexto em que intervém, uma proposta em defesa do património edificado de Braga e da qualidade de vida de quem a habita.

Também a obra de restauro e reabilitação do pequeno palacete denominado como Parque da Boavista demonstra uma atitude contrária à dominante (quantas casas de brasileiros foram já destruídas?), tendo os seus proprietários e projetistas recusado qualquer ideia de substituição, não obstante a alteração de uso a imprimir ao edifício.

Situado à face da Avenida do Cávado, em Palmeira, a atual sede da firma AOF – Augusto Oliveira Ferreira, Lda. – revela um excepcional trabalho de restauro e reabilitação de uma secular habitação “brasileira”, em que o respeito pelos materiais e sistemas construtivos e decorativos originais, bem como dos testemunhos da sua evolução histórica, resultam numa proposta interessantíssima de valorização patrimonial e exemplar atitude que se desejaria viesse a ser replicada em circunstâncias similares. O mesmo caráter de modernidade e conservação do existente foi estendido a toda a área exterior da propriedade.

Estes são dois exemplos de como se deve intervir. Ambos são casos de sucesso para quem investiu e possuem capacidade de induzir a mudança nas mentalidades dos agentes da promoção imobiliária, da construção, da arquitetura e do urbanismo, tal como daqueles a quem está atribuída a decisão política e os desígnios da qualificação e valorização de uma Braga que se pretende cada vez melhor para os seus habitantes, com melhor imagem e mais atrativa.

Alexandre Basto